

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Francielle Amâncio Pereira<sup>1</sup>

Fernanda Malta Guimarães<sup>2</sup>

Alday Souza<sup>3</sup>

Maína Bertagna Rocha<sup>4</sup>

A necessidade de superação dos impasses de ordem ambiental fez da Educação Ambiental uma exigência primordial, na tentativa de promover as necessárias transformações de comportamento e pensamento.

É sabido que uma das funções da escola é possibilitar aos alunos condições para essas transformações. A fim de formar indivíduos aptos para lidar com o contexto atual de mudança social, conflito de valores, avanço tecnológico, interdependência global e, em especial, de crise ambiental, em que a sobrevivência da própria espécie humana se encontra ameaçada, é urgente que o sistema educacional adote, em sua prática pedagógica, a interdisciplinaridade, que já vem incorporada em documentos oficiais, como, por exemplo, os PCN, na perspectiva de garantir a sua implementação.

O professor, como mediador do processo ensino-aprendizagem, é um dos responsáveis por tornar isso possível, o que justifica a importância da formação docente em Educação Ambiental, voltada para a perspectiva interdisciplinar.

O educador com postura interdisciplinar conhece e está preparado para programar essa prática no seu fazer docente. Ele exerce um papel de grande importância na concretização da formação integradora do aluno, pois conhece os elementos necessários para o estímulo da turma, cria oportunidades para novas descobertas e experiências, proporciona momentos de atividade integrativa, crítica, reflexiva, nos quais o estudante possa expor suas emoções e seus sentimentos decorrentes do processo de aprendizado.

O ensino interdisciplinar busca a mudança de postura e a conscientização do educando, e o professor envolvido nessa busca compromete-se com o oferecimento das condições e da liberdade necessárias para o desenvolvimento de seus alunos.

---

1 Professora – UFU e Doutoranda – FE/UNICAMP

2 Mestranda – FE/UNICAMP

3 Doutoranda – FE/UNICAMP

4 Doutoranda – FE/UNICAMP

Professores com esse perfil reconhecem a importância do aprofundamento dos conhecimentos e exercem, em relação a eles, uma postura dinâmica de pesquisa, estudo e reflexão. No âmbito do ensino, procuram transformar suas metodologias, desenvolver atividades coletivas, estabelecer elos entre diferentes disciplinas e/ou conteúdos. Refletem sobre suas práticas, buscando melhorá-las, para possibilitar que os alunos ampliem sua visão e compreendam o mundo, seus fenômenos e suas transformações.

Quando ocorre a não implementação da interdisciplinaridade na escola, normalmente o professor é considerado um dos principais responsáveis. Mas, em geral, parece existir um descompasso entre a formação e a atuação dos professores e as necessidades vividas pela educação contemporânea. Possivelmente porque grande parte dos professores em exercício não teve uma formação (inicial e/ou continuada) que contemplasse esse aspecto.

Todas essas questões apontam para a importância da abordagem interdisciplinar nos cursos de formação de professores, com especial destaque aos cursos de formação continuada.

A proposta deste Grupo de Trabalho foi promover um debate em que fossem levantados os principais aspectos da formação de professores em Educação Ambiental sob a perspectiva interdisciplinar, tentando apontar lacunas, possibilidades e desafios a serem enfrentados, na tentativa de analisar essa necessidade que tem se manifestado no âmbito educacional.

Chamou a atenção o fato de os questionamentos e os posicionamentos dos professores participantes centrarem-se principalmente nas questões: O que faz de uma prática pedagógica uma Educação Ambiental? E, ainda: Que Educação Ambiental desejamos oferecer?

Tais questionamentos chamaram a atenção para elementos que, apesar de parecerem óbvios, muitas vezes passam despercebidos àqueles que se propõem a estudar como os professores trabalham Educação Ambiental. Um deles é a necessidade de inicialmente entender qual a compreensão de Educação Ambiental que esses sujeitos possuem.

Os posicionamentos observados neste GT apontaram para a dificuldade de definir o que é Educação Ambiental, e as experiências apresentadas revelam uma forte tendência a ações pontuais, com abordagens de cunho principalmente naturalista e antropocêntrico.

Além disso, deixaram claro que, apesar de a relevância do tema vir sendo apontada desde a década de 1970, ainda existem sérias lacunas, incoerências e inconsistências, tanto de ordem teórica quanto de ordem prática, possivelmente decorrentes da vivência de concepções equivocadas e/ou ambíguas de interdisciplinaridade e de Educação Ambiental nessa formação.

Também é importante observar que existe a preocupação dos professores em resolver essas questões de cunho interdisciplinares, mas a gama de resultados ainda é demasiadamente pequena, em vista de tudo que poderia ser feito em âmbito de Educação Ambiental: boa parte dos professores trabalha exclusivamente com projetos de reciclagem na escola e acredita estar contemplando todas as lacunas do que é uma Educação Ambiental.

Observamos, portanto, que a Educação Ambiental ainda é tratada de maneira isolada e pontual dentro do conteúdo. Os professores ainda enxergam como o verde pelo verde, o ecologismo; tratam apenas das questões conceituais e dogmáticas, que culminam na escola com o Dia do meio ambiente, e simplesmente se esquecem de relacionar tudo isso com o meio ambiente humano.

Nesse sentido, os debates realizados revelam um cenário de dificuldades e deixam dúvidas quanto à real implementação dessa abordagem nos cursos mencionados.

Além disso, não se pode deixar de mencionar a fragilidade presente também nas definições estabelecidas pelas normas regimentais e pelas legislações educacionais que, ao mesmo tempo que parecem ampliar a autonomia, estimular e favorecer o trabalho inovador, não oferecem as condições necessárias para que tais inovações se processem, estimulando a acomodação, ao invés da renovação.

Convém ressaltar que a intenção deste GT não foi tentar encontrar soluções para todos os problemas enfrentados pelos docentes em sua rotina diária, no que diz respeito ao trabalho com Educação Ambiental, mas, sim, estimular a reflexão sobre o verdadeiro papel do professor nesse sentido, apontando as possibilidades e os desafios a serem enfrentados. Portanto, tendo em vista a riqueza dos debates realizados, consideramos que o presente GT atingiu os objetivos propostos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, I. A. do. **Em busca da planetização do ensino de ciências para a educação ambiental**. Tese (Doutorado) — Unicamp, Campinas, SP, 1995, v. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. Educação ambiental e ensino de ciências: uma história de controvérsias. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 12, n. 1(34), p. 73-93, mar. 2001.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1998.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1995.

GOUVEIA, M. S. F. **Cursos de Ciências para professores de 1º grau**: elementos para uma política de formação continuada. Tese (Doutorado) — Unicamp, Campinas, SP, 1992.

NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PEREIRA, F. A. **O gestor escolar e o desafio da interdisciplinaridade no contexto do currículo de ciências**. Dissertação (Mestrado) — Unicamp, Campinas, SP, 2008.

SHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.